

***A biblioteca esquecida de Hitler:
os livros que moldaram a vida do Führer,*
de Timothy W. Ryback,
tradução de Ivo Korytowski**

São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 335p.

Diogo da Silva Roiz

diogosr@yahoo.com.br

Hitler não deixou nenhuma narrativa equivalente de sua própria coleção, nenhum relato de como passou a possuir este ou aquele volume ou do seu significado emocional particular, mas as diversas dedicatórias, marcações nas margens e outros detalhes fornecem uma visão da importância pessoal e intelectual dessas obras para a sua vida. O que se segue são as histórias que contam [...] (RYBACK, 2009, p. 21).

Quem imaginaria que um dos maiores “ditadores” do século passado, Adolf Hitler (1889-1945), que ordenou a execução de milhões de pessoas, fosse contrário à liberdade de expressão (principalmente, após se tornar chanceler em 1933), que mandasse incinerar livros e documentos e que também fosse também um amante de livros e da “cultura letrada”. É justamente essa curiosa e intrigante história que nos conta Timothy Ryback. Com base numa pesquisa cuidadosa e bem documentada, o autor apresenta uma exposição minuciosa de algumas das leituras que ajudaram a moldar a “personalidade” de Adolf Hitler. Para ele, o “ditador” alemão foi um “coleccionador assistemático de livros”, que, ao longo de sua vida, acumulou um número significativo de obras, perfazendo quase 11 mil volumes, segundo estimativas de documentos que registraram os utensílios, materiais e objetos recolhidos após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em fins de 1945 (que se encontram reproduzidos entre os apêndices A, B, C e

D do livro, às páginas 284-296). Contudo, essa biblioteca, que se encontrava dividida na Alemanha em três locais diferentes, espalhar-se-ia após o término da guerra, através de furtos e vendas clandestinas dos exemplares, por várias partes do mundo, principalmente, para as mãos de colecionadores particulares. Apenas uma pequena parte, de pouco mais de mil volumes, encontra-se hoje sob a guarda da Biblioteca do Congresso, em Washington, nos Estados Unidos. Foi, principalmente, com base nessa coleção que o autor desenvolveu a sua pesquisa. Mas não esteve limitada apenas a ela, também teve acesso a coleções de outras bibliotecas públicas e particulares, e, ele próprio, acabou se tornando um colecionador desse material.

De forma muito sintética, o argumento central do autor (que não por acaso usa como epígrafe de abertura de seu texto uma citação de *Mein Kampf*, na qual Hitler enfatizou que não basta ler muitos livros, por que o fundamental é saber “o que tem valor do que não tem, retendo para sempre a parte boa e, se possível, ignorando o resto” e, com isso, poder aplicar o que traz de útil), centra-se em descortinar o universo das possíveis leituras de Hitler, compondo um painel dos mais importantes, para tentar demonstrar como elas ajudaram a moldar suas atitudes, ideias, projetos políticos e culturais, nas décadas de 1930 e 1940. Embora muito consistente, a sua tese esbarra em uma polêmica já antiga: como os livros possibilitam que seus “leitores” refaçam suas “visões de mundo” e, no limite, contribuam diretamente na consecução de “revoluções” ou de “contra-revoluções”, individuais ou coletivas (no âmbito político, social, cultural, religioso, econômico)? Ainda que seu texto não trabalhe com nenhuma teoria sobre os processos de aprendizagem, ou sobre a história dos diferentes tipos e níveis de leituras de livros, sua pesquisa tangencia, mesmo que indiretamente, por essas questões.

Nesse aspecto, ao recompor o universo das leituras de Hitler, o autor vislumbrou a relação entre livros, leitores e ideias, e as suas inevitáveis tensões. Mas, se o argumento de que os livros não determinam diretamente as “revoluções” (como enfatizou Roger Chartier (2009), ao estudar o caso da Revolução

Francesa) é válido pensar nesse tipo de fenômeno, e como eles auxiliariam a modelar “personalidades”? Se, por outro lado, os livros que exerceram maior interesse no período pré-revolucionário francês no século XVIII não foram obras filosóficas e científicas, como se cotejou após a Revolução Francesa, mas, sim, as obras clandestinas, de caráter erótico, panfletário e político, que circulavam em maior proporção entre as massas, como indicou Robert Darnton (1998), de que modo as obras filosóficas e científicas poderiam mudar as “visões de mundo” dos indivíduos? Mesmo considerando que Timothy Ryback não discuta nenhum dos dois autores, e de que o argumento de ambos se paute em um fenômeno específico do século XVIII francês, sobre a função dos livros e da sua leitura para uma coletividade, não há como ignorar que aqueles apontamentos também são eficazes para pensarmos, não como os livros agem sobre as “massas”, mas como atuam nos “indivíduos”. Por outro lado, se Hitler fez parte das “massas” durante uma parte de sua vida, ele não esteve limitado a ela, como mostra o autor, diante do circuito de políticos, “intelectuais” e escritores que este esteve inserido, principalmente após chegar ao poder.

Portanto, se há maior influência em uma “relação de interdependência” entre livros e leitores, para a construção e reconstrução das “visões de mundo” e não uma (sobre) determinação de um em relação ao outro, convém acompanharmos mais de perto alguns pontos da demonstração do autor. Para ele, em “[...] novembro de 1915, após mais um ano na frente de batalha, a ‘transformação’ de Hitler já era evidente, uma mudança emocional preservada em objetos remanescentes em sua biblioteca [...]” (p. 33), e que teve início a partir de suas leituras e experiências pessoais, nesse período.

Embora exista um alinhamento aproximado entre o final do serviço militar de Hitler no *front* e o princípio de sua atividade política, não existe nenhuma indicação de que ele retornou da guerra, em dezembro de 1918, com alguma intenção de pôr em prática seus pontos de vista políticos (p. 49).

Se Hitler teve, em grande parte, livros de relatos de guerra, romances e tratados filosóficos bem de perto, eles não foram os únicos a auxiliar para modelar suas ideias e sua personalidade. Para o autor, seu mentor foi “[Dietrich] Eckart [que] deu foco, forma e ardor ao antissemitismo do próprio Hitler” (p. 52), que já o cultivava a partir de suas leituras, e que depois de conhecer Eckart, passou a orientá-lo diretamente, em boa parte delas. No entanto:

Mais importante [...] foi o fato de Eckart ter roteirizado o papel de Hitler como o mais execrável antissemita da história. O próprio Hitler admite que, antes de conhecer Eckart, havia sido exposto apenas de passagem às ideias ou à retórica antissemita. [...] Embora não haja como aferir as influências específicas de Eckart sobre o antissemitismo embrionário de Hitler, ou o que ele pode ter absorvido de outros companheiros e em suas próprias leituras, podemos ter uma noção do tom e do espírito do ensinamento de Eckart numa ‘Conversação’ que este vinha escrevendo na época de sua morte [na qual este indica quais as atitudes que devem ser tomadas perante judeus, sinagogas e seus negócios] (p. 63-64).

Ao escrever *Mein Kampf*, o autor argumenta que embora houvesse “muitas influências na composição”, de fato, não há como “[...] conhecermos a mescla exata das diferentes coisas que Hitler leu ou ouviu” (p. 100). Se, após 1933, este livro se tornaria verdadeiramente uma “bíblia” para grande parte do exército alemão e um *best-seller* entre o grande público, não quer dizer que não houvesse outros textos importantes, e que foram, em alguns casos, contrários a ele, nem tão pouco que existiu um consenso entre as leituras que proporcionou, ou a forma como foi aceito, ou ainda, que mesmo no partido fosse unanimidade. Nesse ponto, o autor é muito minucioso em sua demonstração (aqui apenas sintetizada). Por outro lado, vale destacar que, com o início da guerra em 1939, Ryback dá indícios da preocupação de Hitler em conhecer

como pensavam seus “inimigoas, a partir da leitura de livros de estratégias militares, sobre guerras (em particular, as do século XIX e XX), e mesmo de textos recentes sobre a Segunda Guerra Mundial, em processo. Mesmo nesse período, para o autor, os livros continuaram sendo “guias” para o “ditador”. Para ele, não “[...] apenas o colecionador está preservado em seus livros, mas o roteiro de sua vida está em suas páginas” (p. 263).

Após essa síntese, voltamos ao nosso paradoxo inicial: como podemos afirmar que os livros podem ajudar a modelar a vida e a personalidade de seus leitores se não temos como examinar detalhadamente como foram apreendidos? Esse é uma contradição dos processos de aprendizagem, que nos fornecem apenas indícios, quando são pesquisados. E, foi seguindo parte dos rastros das leituras de Hitler, por meio dos livros remanescentes de sua biblioteca, que o autor tentou indicar como eles modelaram a vida e a personalidade do *Führer*. Não há como negar os limites e os paradoxos desse tipo de empreendimento, mas, sem dúvida alguma, eles são fundamentais para compreendermos melhor a trajetória dos indivíduos e suas relações com o “mundo da leitura”, e como elas os fazem repensar suas “visões de mundo”. Após terminarmos a leitura deste livro, assimilamos a idéia de um Hitler mais humano, tenso, indeciso, frágil e ávido por conhecimento, mas nem por isso menos “culpado” das atrocidades cometidas, em razão das decisões que tomou, ainda que elas tenham sido parcialmente moldadas, por meio das leituras que fez.

Referências

CHARTIER, R. *Origens culturais da Revolução Francesa*. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Edunesp, 2009.

DARNTON, R. *Best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

